

A relação transferencial no ensino remoto

Victória Giacomini Reali

O advento da pandemia de Covid-19 alterou de maneira drástica hábitos, rotinas e contatos sociais. Como forma de conter o vírus, ambientes de interações foram realocados para o espaço virtual, gerando mudanças nos modos de se relacionar, principalmente ao pensarmos no ambiente escolar. Nesse contexto, com o fechamento das escolas, o contato entre professores e alunos acaba tornando-se restrito e limitado, sendo assim, a promoção de relações de proximidade e confiança pode se tornar um desafio.

Ao analisar tal problemática, um dos fenômenos que ganha notoriedade é o da relação transferencial, que apesar de designar uma característica primordial para o tratamento analítico, também se faz presente nos mais diversos tipos de interação, incluindo as interações entre professores e alunos. Nesta relação pedagógica, a transferência se instala por meio de um intercâmbio entre inconscientes: o inconsciente do professor e o inconsciente do aluno, isso faz com que o aluno se volte para a figura do professor, e o reconheça como aquele que sabe como ensiná-lo (DOS SANTOS, 2009). Dessa forma, o conceito pode ser elevado como um dos pontos de partida para o processo de ensino aprendizagem

O termo origina-se com base no tratamento da paciente Anna O., de Joseph Breuer, o qual evidenciou impasses no antigo método catártico e colocou em prática aquilo que a própria Anna denominou de cura pela conversa, ou uma “limpeza de chaminé”. Assim, a partir do desdobramento dessa questão, Freud começa a elucidar a função da transferência na relação com a paciente, o que o leva à criação do método psicanalítico. Este, diferente do método anterior, permite que o sujeito reorganize seu modo de funcionamento psíquico por meio da fala, não se prendendo apenas no repetir, mas sobretudo procurando recriar e viabilizar meios para que o sujeito vá além da repetição. (MAURANO, 2006).

É sob este prisma que a transferência é introduzida enquanto conceito psicanalítico, propondo a existência de um laço afetivo intenso, que se instaura de forma quase automática e independente da realidade, na relação entre médico e paciente. O

estabelecimento desta relação acaba transformando-se em uma condição para o progresso do tratamento analítico, é através dela que o indivíduo entra em confronto com a existência, com a permanência e com a força dos seus desejos e fantasias inconscientes. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1970).

Nesse contato com o médico, uma série de fantasias é automaticamente despertada e ganha novas versões. Um aspecto característico importante está na substituição do afeto direcionado à uma pessoa importante na vida do sujeito, pela pessoa do médico, que funcionará como intérprete disso que está sendo lembrado e atuado pelo paciente. No processo, portanto, trata-se da transferência de uma presença do passado, um caso particular de deslocamento do afeto de uma representação para outra. Com isso, o analisando imputa ao seu analista certas posições correlativas àquelas nas quais se encontram as figuras primordiais para ele desde o início de sua vida. (FREUD, 1914).

A teoria psicanalítica retrata, como as atitudes emocionais dos indivíduos para com outras pessoas estão estabelecidas numa idade surpreendentemente precoce, visto que a natureza e a qualidade das relações da criança com as pessoas do seu próprio sexo e do sexo oposto, já foi firmada nos primeiros seis anos de sua vida. Com o passar do tempo, posteriormente, é possível que o indivíduo desenvolva e transforme essa natureza, mas sem apagar por completo aquilo que foi anteriormente construído. Sendo assim, todos aqueles que o sujeito vem a conhecer tornam-se, de certa forma, figuras substitutas dos primeiros objetos de seus sentimentos, ou seja, os pais, irmãos, irmãs, babás, pessoas que participaram de seu cuidado na infância. Logo, seus relacionamentos posteriores são obrigados a arcar com uma espécie de herança emocional, e todas as escolhas de amizade e amor, dali em diante, seguem a base das lembranças deixadas por esses primeiros protótipos. (FREUD, 1914).

Posto isso, fica nítida a necessidade do manejo transferencial por parte do analista, já que, para poder trabalhar, é importante que este saiba em que lugar está sendo colocado pelo analisando em sua organização subjetiva. É a partir dessa posição que o analista é capaz de analisar, interpretar, intervir e levantar hipóteses que irão orientar sua clínica. Se, por alguma razão, o fenômeno não se estabelece e o paciente não consegue fazer um investimento no analista, a análise não consegue progredir tornando-se inviável. (MAURANO, 2006,)

Essa integração com o complexo de Édipo também repercute na compreensão da transferência no ambiente escolar. A ambivalência emocional familiar, principalmente relacionada com a figura paterna, vem à tona concomitantemente ao momento que o sujeito entra em contato com os seus professores, de maneira que estes passam a ocupar um lugar semelhante a um pai substituto. Transfere-se para eles o respeito e as expectativas ligadas ao pai onisciente de nossa infância e, por conseguinte, a criança começa a tratá-los como tratavam os pais em casa, assim como bem elucida Freud, “Confrontamo-los com a ambivalência que tínhamos adquirido em nossas próprias famílias, e, ajudados por ela, lutamos como tínhamos o hábito de lutar com nossos pais em carne e osso.” (FREUD, 1914).

Já sob a ótica Lacaniana, a transferência pode ser designada como um laço afetivo intenso que se instaura de maneira automática entre os protagonistas de uma relação (DOS SANTOS, 2009). O que o autor traz de forma a completar o conceito freudiano, é a introdução da noção de “sujeito suposto saber”, para a qual a transferência ocorreria na relação em que um representa para o outro a função simbólica do saber. Sendo assim, procura-se um analista partindo-se do pressuposto de que este possua algum saber que intrigue, um saber que escape o paciente. (MAURANO, 2006)

Surge, portanto, a primeira dimensão de ficção que se dá na análise, não que o sujeito pense que o analista saiba especificamente sobre ele, mas sim que há um saber presente em sua experiência. Dirige-se a esse Outro como se ele fosse a garantia do bom andamento das coisas, um lugar de onde emanaria a verdade última sobre nós mesmos, uma referência para a nossa organização subjetiva. (MAURANO, 2006)

Seguindo esse aspecto, no cenário educacional, a suposição de saber também estaria inscrita no professor, uma figura que exerce influência não somente por aquilo que diz e faz, mas, principalmente, por aquilo que ele é. Em “Algumas reflexões sobre a psicologia escolar” (1914), por exemplo, ao testemunhar sobre a sua experiência como estudante, Freud confessa que acha difícil distinguir o que exerceu mais influência e teve maior importância, se foi a preocupação pelas ciências ensinadas ou a personalidade de seus mestres. A afirmação ajuda a descrever como esse saber suposto no professor vai além de um conhecimento acerca de conteúdos disciplinares, é também um saber sobre o desejo. (DOS SANTOS, 2009)

Logo, o professor é convocado a ocupar um lugar que transcende a prática pedagógica, uma posição indicada a tornar-se suporte dos investimentos libidinais de seu aluno, indicando junto do lugar de saber, um local de idealização. (MARIOTTO, 2017). Desse modo, é possível inferir que a posição em que o professor se encontra, não é fácil de sustentar, pois muitas das projeções que nele estão depositadas, são projeções que vão além dele enquanto pessoa.

Apesar disso, não é possível ensinar se não houver transferência, já que é a partir dela que o professor se funda como uma figura de autoridade. Somente se o professor ocupar esse lugar de saber que sua palavra terá poder suficiente para ser ouvida pelo aluno como algo que anime seu interesse. Tanto as técnicas pedagógicas mais atuais quanto o aparato tecnológico mais moderno não adiantam se esse pequeno detalhe não estiver em jogo. Da educação infantil à universidade, a transferência é a mola propulsora do processo ensino-aprendizagem. (MARIOTTO, 2017)

Nesse cenário, é notório como a presença do professor é fundamental para uma transmissão, que acontece através de sua experiência, de seu afeto, de sua pulsão e sua “personalidade”. (DE LIMA et al., 2021). E quando fala-se em presença, pensa-se na presença física, uma vez que esta auxilia o educador a acessar as vias que nem sempre a palavra consegue percorrer. A comunicação corporal, o olhar, os gestos, o ritmo, o tom da voz, o silêncio, tudo oferece importantes indícios que muitas vezes revelam mais sobre uma sala de aula do que a verbalização.

Em tempos pandêmicos, salas virtuais inauguram novas formas dos sujeitos se relacionarem. As transmissões marcadas pela ausência dos corpos ainda contam na maioria das vezes com câmeras e microfones desligados, envolvendo a perda de todo um colorido pulsional que se transmite no encontro “olho a olho”. Capturados e imobilizados pela tela bidimensional, os professores acabam por vivenciar uma sensação de desamparo por não saber se estão sendo escutados, vistos, se tem alguém do outro lado da tela. (DE LIMA et al., 2021).

Diante do exposto, esta pesquisa, ainda em andamento, vem com o intuito de questionar como é possível desenvolver o processo transferencial no cenário que estamos inseridos. É importante pensar se e como este fenômeno é passível de ser recriado e construído de maneira satisfatória num espaço virtual junto a todas as adversidades acima descritas. Pretende-se averiguar, os impactos e mudanças que o ensino remoto é capaz de

causar no ato de investimento em outro sujeito, característico da relação transferencial e consequentemente no processo de ensino e aprendizagem.

Referências:

DE LIMA, Nádia Laguárdia; STENGEL, Márcia; NOBRE, Márcio Rimet; DIAS, Vanina Costa. Saber e criação na cultura digital: Diálogos interdisciplinares In: DE LIMA, N. L.; STENGEL. M. ; NOBRE. M. R. ; DIAS. V. D. **A tela como superfície de transmissão: O que os professores inventam na pandemia?** Belo Horizonte: Fino Traço, 2021. p. 150- 184

DOS SANTOS, J. M. S. **A transferência no processo pedagógico:** Quando fenômenos subjetivos interferem na relação de ensino aprendizagem. 2009. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Conhecimento e Inclusão Social - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

FREUD, S. **Algumas reflexões sobre a psicologia escolar.** 1914. In: FREUD, S. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p.281-88. v.12.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 1970.

MARIOTTO, R. M. M. Algumas contribuições da psicanálise à educação a partir dos conceitos de transferência e discurso. **Educar em Revista**, v. 00, n. 64, pp. 35-48, 2017 [Acessado 8 Julho 2021]. Disponível em:

MAURANO, D. **A transferência:** Uma viagem rumo ao continente negro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006